

Feminista, Eu?! A Vivência das Conquistas do Feminismo e a Transmissão Transgeracional dos Papéis de Gênero

Poliana Gomes Goslar¹

Resumo

Este artigo advém de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, o qual teve por objetivo compreender de que maneira as mulheres de diferentes faixas etárias vivenciam as conquistas do feminismo ao longo do seu ciclo de vida e de que modo a atribuição de papéis de gênero vem sendo transmitida transgeracionalmente. Esta análise foi viabilizada por meio de entrevista semi-estruturada com quatro mulheres, duas adultas jovens, uma mulher de meia idade e uma idosa. Os blocos resultantes das entrevistas abordaram questões de estereótipos do feminismo e das feministas, vivência das conquistas do feminismo no cotidiano, atribuição de papéis de gênero na infância, transgeracionalidade e relacionamento entre gêneros na família das entrevistadas. Para a análise dos blocos resultantes das entrevistas, utilizou-se conceitos da Psicologia Sistêmica como aporte teórico. Este artigo apresenta com mais ênfase o eixo da transgeracionalidade como modo de transmissão dos papéis de gênero.

Palavras-chave: *feminismo; transgeracionalidade; psicologia sistêmica; relações de gênero.*

Feminist, Me?! The Experience of the Achievements of Feminism and the Intergenerational Transmission of Gender Roles

Abstract

This article comes from the Psychology Course Final Work, which aimed to understand how women of different age experience the achievements of feminism over its life cycle and how the assignment of gender roles is transmitted transgenerationally. This analysis was conducted through semi-structured interviews with four women, two young adults, a middle-aged woman and an elderly. The resulting blocks of the interviews dealt with stereotypes of feminism issues

¹ Psicóloga graduada pela Universidade do Contestado - Núcleo Porto União-SC. Pós graduanda em Terapia Familiar Sistêmica pela Universidade Positivo. Sob orientação da professora Maris Stela da Luz Stelmachuk, PhD em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

and of feminists, experience of feminist achievements in everyday life, assigning gender roles in childhood, and transgenerationality and relationship between genders in the family of the interviewees. For the analysis of blocks resulting from the interviews, it was Systemic Psychology concepts as theoretical contribution. This article presents with more emphasis on the axis of the transgenerational as a mode of transmission of gender roles.

Keywords: *feminism; transgenerationality; systemic psychology, gender relations.*

Introdução

Este artigo refere-se a um dos eixos centrais abordados em pesquisa sobre a vivência do feminismo no cotidiano das mulheres na contemporaneidade. Nesta pesquisa, buscou-se olhar a emancipação diária das mulheres em suas relações, em seu trabalho e na sociedade em geral. Sem, portanto, resumir a uma simples denúncia da relação de dominação, deu-se enfoque às atitudes das mulheres frente aos desafios experienciados. Buscou-se identificar a relação que a aparente indiferença frente às questões feministas possa ter com a violência em todas as suas formas, abordando os estereótipos do feminismo e questões pontuais do relacionamento entre gêneros no cotidiano das entrevistadas.

Na pesquisa realizada, foram estabelecidos objetivos de identificar como as mulheres vivenciaram a emancipação feminina não somente em sua vida adulta, fase do ciclo de vida com a qual esta parece ser associada, mas procurando identificar que peculiaridades sua geração teve desde a infância, olhando para o modo como ocorreu a constituição de modelos atribuídos ao feminino e ao masculino, e como foi transmitido às gerações subsequentes o papel das mulheres na sociedade.

Neste artigo, procurou-se sintetizar tais eixos e os resultados alcançados, focando no que foi pesquisado sobre a transmissão transgeracional dos papéis de gênero neste contexto amplo e valendo-se da Psicologia Sistêmica como aporte teórico para análise das informações. No decorrer das entrevistas realizadas, abordou-se a relação entre as gerações, com vistas a identificar quais os legados e ditos familiares lhes foram transmitidos como essenciais e se percebiam modelos e estereótipos de gênero em sua família, embora com ciência de que a percepção não necessariamente clara das entrevistadas com relação a estes mecanismos de transmissão geracional poderia limitar a detecção de tais conceitos.

O cenário da secundarização feminina

Para contextualizar as seções que mais adiante serão apresentadas, se faz necessário olhar para o cenário dos anos anteriores no que tange à secundarização das mulheres. Será traçado um breve percurso histórico desta *relação de dominação*, como a denominam alguns autores a serem também apresentados no decorrer desta seção. Deste modo, atribui-se sentido às causas feministas, as quais terão enfoque posteriormente.

No século XVIII, ainda estava aberta à discussão a questão de as mulheres serem seres humanos como os homens ou de estarem mais próximas dos animais irracionais. Elas só conquistaram o direito à escolarização no final do século XIX, e esperaram ainda mais para terem acesso às universidades. É inegável que desde a metade do século XIX a condição das mulheres evoluiu consideravelmente. No entanto, resquícios daquela exclusão permanecem atuantes (Perrot, 2008).

Ainda que no século XX tenha se intensificado a inserção das mulheres no mercado formal de trabalho, seguindo os moldes de outros contextos, a discriminação permanecia presente, tornando-se visível por meio dos salários menores, da maior incidência de informalidade e pelo assédio sexual no ambiente de trabalho. Somado a isso, as mulheres eram por vezes contratadas devido a receberem remuneração inferior pela realização do mesmo trabalho que o dos homens nas plantações. Ainda na contemporaneidade, o trabalho é um grande sinalizador da persistência das desigualdades de gênero (Stelmachuk, 2012; Perrot, 2007, In Stelmachuk, 2012).

Não seria coerente, ao escrever sobre as discriminações contra as mulheres, ignorar os papéis atribuídos aos homens. Do mesmo modo que no processo de reprodução biológica, no processo de reprodução social homens e mulheres são seres complementares. Da mesma forma que condutas são *impostas* [grifo nosso] às mulheres, são também *impostas* [grifo nosso] aos homens. Justamente por tal motivo a luta das mulheres não somente lhes diz respeito, como também diz respeito aos homens. O estereótipo do macho – termo utilizado por Saffioti (1987) – está tão enraizado quanto o estereótipo da mulher, e isto vem se perpetuando com raras reflexões. Pesquisas mostram que as glândulas lacrimais de alguns homens chegam à atrofia em razão de seu desuso. Isto demonstra que o processo de castração do homem não é apenas psicológico, mas também orgânico (Madeira, 1997; Saffioti, 1987; Polce-Lynch, 2003).

Conforme Saffioti (1987), em relação à responsabilidade pela casa e pelos filhos, esta ainda é atribuída quase invariavelmente às mulheres. O espaço do-

méstico é visto como seu *habitat natural*. Já o macho é considerado o provedor das necessidades da família. Ainda que a mulher possa trabalhar no mercado formal em quantidade equivalente ao que trabalha o homem, cabe a ele o ganho do maior salário. Deste modo, sendo a única ou a principal fonte de renda familiar, não lhe é permitido fracassar. Está incluso no *script* a necessidade de que o homem obtenha êxito econômico, tendo o fardo de provedor do lar. Além desta característica masculina, também são a eles associados valores como força, razão e coragem. Os homens que não se identificam com tais características *masculinas* (grifo nosso) e que sejam afetivos ou tímidos, são induzidos a castrarem estes atributos e inibir sua sensibilidade, visto que estas são qualidades vistas como essencialmente femininas e o homem será considerado macho à medida que for capaz de disfarçar, sufocar seus sentimentos (Saffioti, 1987).

O *poder do macho* (termo de Saffioti, 1987) apresenta várias nuances. Contudo, está presente em todas as classes sociais e nos contingentes populacionais de todas as raças. A discriminação de gênero costuma estar tão calcada em cada indivíduo, que passa a ser corriqueira ao ponto de não nos darmos conta dela. Uma pessoa não se transforma em mulher ou homem apenas em sua vida adulta. Tal processo é extremamente longo, iniciando-se antes mesmo do nascimento. Nascermos com a anatomia do sexo feminino ou masculino, no entanto, o ser mulher ou ser homem se aprende e aprende no processo de socialização (Saffioti, 1987; Madeira, 1997).

A sociedade investe muito na naturalização destes papéis, na transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural. Esta divergência cria conflitos, assinala a valorização masculina e reafirma a desvalorização feminina. O maior agente de transmissão de tal sexismo é a família, que transmite desde a ultra-sonografia a definição de valores e papéis sexuais e leva adiante mitos como o da superioridade masculina, de que a mulher é o sexo frágil, cidadã de segunda classe e a quem cabe reproduzir a espécie, demonstrando que a desigualdade é *natural* [grifo nosso] e que as mulheres devem ser complacentes, servindo, seduzindo e estimulando o homem. Devem ainda ser dóceis, abnegadas, símbolos sexuais, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (Bourdieu, 2002; Madeira, 1997; Saffioti In Madeira, 1997; Saffioti, 1987).

Conforme Bourdieu (2002), a maior mudança no que diz respeito à dominação masculina, reside no fato de que esta não mais se impõe com a evidência de algo indiscutível. A violência simbólica não opera na ordem das intenções conscientes. Isto se evidencia em gestos sutis como reduzir as mulheres de algum modo à sua feminilidade, como por exemplo, ao utilizar o nome próprio

ou termos íntimos (querida, menina) para chamar as mulheres em cargos de autoridade (Bourdieu, 2002).

Saffioti (1987) utiliza o termo *profecia auto-realizadora*, para conceituar a construção da inferioridade feminina e, simultaneamente, da superioridade masculina. Esta autora descreve que de tanto lhe atribuírem a inferioridade, as próprias mulheres passam a acreditar nela. Com isto demonstra a interdependência necessária para que esta dinâmica de dominação se estabeleça. Já Bourdieu (2002), em abordagem mais atual utiliza o termo *impotência aprendida* para designar tal *profecia*. A partir desta percepção, comenta que este efeito exercido tão precoce e constantemente sobre as mulheres passa despercebido e não estimula que estas se dirijam para determinadas profissões científicas, pois a todo tempo se repete que as mesmas são mais fáceis para os homens. Deste modo, compreende que a própria proteção *cavalheiresca* além de conduzir a um confinamento e ainda justificá-lo, acaba contribuindo para manter as mulheres afastadas de todo contato com os aspectos do mundo real, para os quais elas não foram feitas, pois não foram feitas para elas.

Esta amostra de situações de dominação masculina é apenas representativa em relação a incontáveis outras que se vivencia diariamente sem nem mesmo perceber. Adentrar nas questões de gênero é atentar-se para esta atmosfera de aparente igualitarismo, mas de latente dominação. A cada momento novas percepções vão ganhando espaço e tornando visível o quanto ainda se tem por fazer neste campo que é tão pouco explorado pela Psicologia, mesmo tendo tantas repercussões de seu interesse.

A transmissão familiar

A transmissão familiar define o modo como a família se perpetua, sem que necessariamente seus membros o percebam. Os principais conceitos que os autores e autoras da Psicologia Sistêmica sugerem como modos de transmissão familiar, serão apresentados nesta seção.

Em épocas anteriores à industrialização, o relacionamento intergeracional ocorria na própria rede de convívio dos familiares, gerações coabitavam em famílias numerosas. Os saberes de avós e pais eram transmitidos cotidianamente para filhos e netos. Eram nestes momentos de contar histórias, ensinamentos ou religião que os diálogos ocorriam, visto que conversas às claras eram interrompidas por tabus e resistências, deixando em aberto questões não formuladas. Com o rearranjo familiar, reflexo não somente das conquistas do feminismo – como os métodos anticoncepcionais, o divórcio e a inserção das mulheres no mercado

formal de trabalho – como também por outros fatores como o aumento da longevidade, a gravidez precoce sem saída da casa dos pais, entre inúmeras outras transformações sociais, se desenvolvem novas configurações familiares e as distâncias intergeracionais diminuem. Valores enraizados dos membros mais velhos convivem com novos valores, uma troca recíproca, em uma interação menos hierarquizada (Castilho, 2003; Oliveira, 2003; Marx & Engels, 2007, In Stelmachuk, 2012).

Conforme Carter e McGoldrick (1995) ainda que este processo familiar não seja linear, é inegável que ele existe na dimensão linear do tempo. Não é fácil reconhecer a magnitude do impacto modelador que uma geração exerce sobre a vida das que a seguem. De acordo com Falcke e Wagner (2005), o fenômeno da transmissão familiar compreende a diversidade de padrões que se repetem por gerações. Tal padrão constitui-se de legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos, que se perpetuam através do tempo e pertencem à história da família.

O modo como a família e seus membros vivenciam as facilidades e dificuldades próprias das demandas do ciclo evolutivo vital, em grande parte se torna compreensível devido aos componentes emocionais herdados de seus antepassados. Isto evoca o conceito de transgeracionalidade, que equivale aos componentes que perpassam a história familiar, mantendo-se presentes na sucessão de gerações (Ferreira, 1986, In Falcke & Wagner, 2005).

Ainda na infância, as relações familiares são as mais importantes para a regulação da base do comportamento futuro, fatores que vão influenciando o indivíduo e interferindo em suas escolhas afetivas, sexuais, profissionais, etc. Falcke e Wagner (2005) citam a comparação de Groisman (2000), quando ele menciona que estas experiências corresponderiam a vozes familiares que todos possuem gravadas em si, variando apenas na quantidade, intensidade e grau de compreensão das mesmas. Ou ainda, existiriam diferentes volumes, representando a dimensão da influência que isto teria na vida do sujeito.

Os mandatos familiares, segundo Falcke e Wagner (2005) são as comuns atribuições precoces de profecias aos novos membros da família. Isto se demonstra quando frente a um recém-nascido são ditas frases como: *Ele vai ser um lutador como o pai*. A importância familiar desta atribuição será determinante do poder que este mandato irá exercer na vida do sujeito. A frustração da família em relação a tal expectativa, caso o membro não cumpra determinada função, irá ocasionar sentimentos de abandono e solidão na família e de culpa e sofrimento no indivíduo.

Falcke e Wagner (2005) citando Breulin, Schwartz e Mac Kune-Karrer (2000), descrevem que devido a esta recusa frente ao mandato, não é raro que

os acontecimentos de uma geração sejam o reflexo dos acontecimentos da geração anterior. A tentativa de rejeição ao padrão familiar em muitos casos ocorre por meio da busca de modelo oposto. Inevitavelmente, no entanto, isto significa sofrer consequências similares às já vivenciadas pela geração anterior.

Falcke e Wagner (2005) citam ainda a comparação de Costa (2000), quando este diz que é como se houvesse uma assembleia de cidadãos em permanente atividade no mundo interno de cada indivíduo, fornecendo-lhe pareceres favoráveis ou desfavoráveis a todo o momento. Estes cidadãos são os pais, irmãos, irmãs, avôs e avós, bem como outros membros significativos da família de origem. Existe uma espécie de idioma dentro de cada grupo familiar que estabelece a comunicação intergeracional e por meio do qual as dificuldades e anseios dos pais se transmitem aos filhos.

O conceito de *Lealdade Familiar* pode ser definido nos âmbitos moral, político e psicológico e é fundamental para a compreensão da estrutura relacional mais profunda. Em seus múltiplos modos de expressão, a lealdade constitui-se em uma força saudável ou não, que estabelece vínculos de conexão entre gerações passadas e futuras na família. A lealdade marca o pertencimento a um grupo, e aparece tanto como uma característica grupal quanto como atitude individual. Nos grupos, inclusive no familiar, a lealdade mais fundamental tem como objetivo a sobrevivência do próprio grupo. O grau de lealdade de um membro irá variar de acordo com o papel que lhe é atribuído transgeracionalmente por sua família. Para ser leal ao grupo, o indivíduo deve interiorizar as expectativas deste, assumindo algumas atitudes a fim de cumprir seus mandatos. O componente de obrigação ética na lealdade está atrelado ao senso de dever e de justiça compartilhado pelos membros que a ela se comprometem, e a incapacidade de cumprir estas obrigações ocasiona sentimentos de culpa (Paccola, 1994; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973, In Falcke & Wagner, 2005).

A constituição da lealdade é consequência da história do grupo familiar, do tipo de justiça praticado e de seus mitos, conceito descrito adiante. Assim, a natureza das obrigações de cada membro irá depender de sua disposição emocional e posição no que os autores chamam *livro-caixa* da família, onde está a contabilidade do que cada um pode receber e o que deve dar em função do grupo (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973 In Falcke & Wagner, 2005; Miermont, 1994, In Falcke & Wagner, 2005). As lealdades estão ainda, intimamente relacionadas à criação de laços entre as gerações. É o caso, por exemplo, de um filho cujo sintoma sirva para evitar uma mudança vivida como perigosa por seus pais. É a força que faz do sujeito um membro efetivo do grupo, mas que simultaneamente lhe exige em troca o compromisso de obediência às regras do sistema e

o cumprimento dos mandatos que lhe são delegados, ainda que de maneira não consciente. São como fibras invisíveis, muito resistentes e que mantém unidos fragmentos complexos de conduta relacional. As autoras encerram o conceito enfatizando a importância de se compreender antigos vínculos de lealdade, para que se torne possível buscar o equilíbrio entre a autonomia individual e as contas multigeracionais de lealdade familiar (Falcke & Wagner, 2005; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973, In Falcke & Wagner, 2005).

Valores Familiares são muitas vezes utilizados como sinônimos de crenças familiares. Contudo, Falcke e Wagner (2005) citam Cerveny e Berthoud (1997), as quais esclarecem este equívoco fornecendo uma visão mais abrangente em relação ao conceito de valores. Segundo estas autoras, são aspectos da vida individual e coletiva, transmitidos entre os componentes do sistema, de maneira implícita ou explícita. Neles se encontram os segredos, tabus, mitos e crenças, rituais e cerimônias realizados pela família, que correspondem à ideologia deste sistema. Inclui temas que historicamente vem sendo considerados relevantes ou que vem sendo incorporados em função dos avanços sociais. Por exemplo, mantém-se a tradição do casamento, mas ampliam-se as exigências em relação ao estudo devido à necessidade atual para o mercado de trabalho. Em síntese, os valores indicam os aspectos que a família se preocupa em transmitir às novas gerações (Falcke & Wagner, 2005).

Já o conceito de *Crença*, diz respeito ao que se considera certo, o que se alicerça ao componente emotivo em torno do que *deve* ser certo. Ainda que nem sempre os membros de uma família concordem, eles possuem um conjunto de crenças em relação ao que vale a pena ou não estar de acordo, o que de certa maneira define a identidade familiar, sendo esta um fenômeno psicológico grupal que tem como base um sistema de crenças compartilhadas. Este sistema inclui questões relacionadas a funções, relações e valores que governam (regulam) a interação familiar. Simplificando, o conceito de crença refere-se ao conjunto de pressupostos que a família define em relação ao que é certo ou errado, e consequentemente o que deve ser seguido ou não por seus membros (Falcke & Wagner, 2005).

No que tange ao conceito de mitos, Miermont (1994, In Falcke & Wagner, 2005), menciona que este termo é explicativo de múltiplos fenômenos da vida. Gonzáles (1994, In Falcke & Wagner, 2005) por sua vez, relata que os mitos servem para escurecer ou negar uma realidade penosa e complexa, cuja aceitação por parte da família seria muito dolorosa. Pode ainda ser definido como um elemento organizador. A partir dele, são estabelecidas regras de comportamento que guiam o tipo de relação que irá se estabelecer entre os membros, bem como

o tipo de relação que se espera que eles estabeleçam com o mundo exterior. O mito se origina e se desenvolve sobre vazios, falta ou escassez de dados e explicações, sendo os padrões rígidos de comunicação os mais férteis para que este evolua. Quanto maior o sofrimento, a crise da família, mais esta irá se apegar ao mito, já que o mesmo funciona como o sistema de explicação operante. Apesar de parecerem irrealis, irracionais e por diversas vezes conterem claras distorções da realidade quando vistos de fora, os mitos são partes integrantes da realidade de cada família (Pincus & Dare, 1981; Andolfi & Angelo, 1989; Miermont, 1994; Neuburger, 1999, In Falcke & Wagner, 2005).

Diante de alguma atitude não aceita pelo grupo familiar, desenvolvem-se os *Segredos*. Estes são fatos que não correspondem aos tabus que se mantém entre as gerações. Viola as regras de posse comum das informações, modificando a relação entre os membros e comumente provocando sentimento de culpa e interferindo na confiança interpessoal. Todo o estilo da comunicação familiar pode ficar afetado em função da manutenção deste segredo, mesmo em áreas dispersas do evento original. O segredo pode ser mantido oculto, mas a intensidade dos sentimentos por ele despertados dificilmente poderá ser disfarçada, gerando ansiedade a quem o possui, por ficar constantemente acautelando-se contra a revelação (Carpenter & Treacher, 1993; Imber-Black, 1994; Prado, 1996; In Falcke & Wagner, 2005).

Deste modo, os segredos são fenômenos sistêmicos capazes de moldar díades, formar triângulos, encobrir alianças, provocar divisões e rompimentos, além de delinear os limites de “quem está dentro” e “quem está fora”. Todavia, não é regra que a existência de um segredo seja patológica. Do mesmo modo que podem ser destrutivos, também servem como preservação das esferas individual, de casal ou mesmo da família. De acordo com Welter-Enderlin (1994, In Falcke & Wagner, 2005), podem ser compreendidos como favorecedores dos processos de individuação.

No que se refere aos ritos ou rituais, estes consistem em uma série de atos e comportamentos que se repetem no tempo e dos quais participam todos ou parte dos familiares. Sua função é explicitamente de aprendizagem, tendo em vista que por meio de sua realização cada membro conhece aos outros e aprende como comportar-se diante deles. Os ritos possuem a tarefa de transmitir a cada familiar os valores, atitudes e modalidades comportamentais em relação a determinadas situações ou vivências. Referem-se a atos simbólicos que dramatizam a identidade familiar, incluindo não somente os aspectos do cerimonial como também seu processo de preparação. Sua realização é geradora de satisfação e sentido aos que participam, tornando claros os papéis, delimitando as

fronteiras e definindo as regras familiares (Miermont, 1994, In Falcke & Wagner, 2005; Paccola, 1994, In Falcke & Wagner, 2005).

Com base no que apresentam Bennett, Wolin e Mcavity (1988, In Falcke & Wagner, 2005) classificam os ritos em três grupos: celebrações (batismo, funeral, Natal, Páscoa, etc.), tradições (férias, visitas, aniversários, etc.) e rotinas pautadas (horário de jantar, cumprimentos e despedidas, etc.). Os autores mencionam ainda a relevância do rito na transmissão intergeracional da cultura familiar, sendo cada família criadora também de suas próprias celebrações, tradições e rotinas, nas quais se demonstram presentes ritos de gerações anteriores. Outro quesito que reforça sua importância é o fato de assinalarem as transições nas etapas do ciclo evolutivo vital (nascimento, casamento, morte, etc.) (Imber-Black, Roberts & Whiting, 1991, In Falcke & Wagner, 2005).

Outro conceito pertencente ao fenômeno da transgeracionalidade é o legado. Este se constitui em uma *cápsula do tempo* na qual a família insere os elementos da forma mais condensada para comunicar às gerações futuras a essência da família atual, como uma espécie de testamento em que a cada revisão se detalha melhor como deve ocorrer a transmissão dos bens. Trata-se de um processo no qual se repassam instruções relacionadas à maneira como deve construir-se a família da geração seguinte. O legado é a forma que a família utiliza para revelar às gerações subsequentes os seus aspectos primordiais, e o que disto se espera que tenha continuidade (Steinglass et. al., 1989, In Falcke & Wagner, 2005; Falcke & Wagner, 2005).

Todos os conceitos aqui revisados, conforme Falcke e Wagner (2005) demonstram estar em um processo de contínua interação, e não de existência isolada. Sendo assim é mais comum que se depare com intersecções do que com separações ou diferenças. Alocando esta discussão ao tema específico desta pesquisa, e retomando a questão já apresentada de expectativas em relação ao gênero de novos membros da família, pode-se dizer que tais expectativas refletem um conjunto de crenças e valores sociais que se incorporam ao novo integrante, o qual por sua vez, assume-os como características próprias por lealdade ao grupo (Fleck, Falcke & Hackner, 2005).

A força do legado transgeracional muitas vezes acaba fazendo com que as pessoas repitam modos de comportamento sem consciência de o terem aprendido. Com isso é comum que o discurso em relação às questões de gênero não coincida com a prática em si. Os aspectos transgeracionais são heranças sobre as quais raramente os indivíduos se questionam em nível cognitivo ou racional. Neste contexto frases impregnadas de estereótipos implícitos de feminino/masculino permanecem sendo ditas sem que seus narradores percebam. É de ma-

neira sutil que comportamentos, gestos e palavras demonstram a permanência destes papéis. Sendo a família o cenário de transmissão dos papéis de gênero, a tomada de consciência desta herança é o primeiro passo para o processo de transformação desta percepção (Fleck, Falcke & Hackner, 2005).

Em relação à transgeracionalidade como um todo, é relevante ainda ressaltar que apesar de os elementos históricos serem necessários, não são de todo suficientes para a compreensão das problemáticas do cotidiano familiar. As autoras orientam que não se adote uma visão simplista de que a história com seus elementos *do passado* [grifo nosso] automaticamente determinam os acontecimentos futuros, bem como que não se atenha somente à importância dos acontecimentos do agora. Flexibilizar o uso do tempo fará levar em conta que para que um acontecimento traumático continue a exercer papel importante no presente, é necessário que a manutenção de um comportamento possua uma função e um sentido igualmente importante no contexto em que se perpetua. Com o conhecimento dos processos transgeracionais, se possibilita que os indivíduos façam escolhas mais conscientes e afinadas com seus próprios desejos. A construção da individualidade irá depender da descoberta dos *designios familiares*, e do conseqüente desenvolvimento de sua originalidade (Elkaim, 1990; In Falcke & Wagner, 2005; Falcke & Wagner, 2005).

Por meio do exame dos conceitos ora apresentados, ficam mais claras as múltiplas formas pelas quais a família se perpetua. Grande parte destas características da família não será passível de visualização em uma entrevista, entretanto, com tais conceitos em mente, se possibilita estabelecer possíveis conexões com as transmissões de papéis de gênero que estejam mais conscientes por parte das entrevistadas, visualizando o quanto os estereótipos podem estar enraizados na família, ao ponto de lhe parecerem naturais.

Método

Para a viabilização da resposta à pergunta de pesquisa e busca do objetivo geral, realizou-se uma Pesquisa de Campo de natureza qualitativa, sendo utilizada entrevista semi-estruturada como roteiro norteador.

Foram entrevistadas quatro mulheres de diferentes faixas etárias, sendo a idade o único critério para participação. O primeiro contato com as mesmas, para convidá-las a participar da pesquisa, ocorreu pessoalmente. Não deixaram de ser consideradas na análise características como classe social e escolaridade, visto que em se tratando de percepção e vivência das conquistas do feminismo, esses são fatores que influenciam consideravelmente. Entretanto, a pesquisa e

a escolha dos sujeitos não foram direcionadas com base nestas distinções. O objetivo era que as quatro participantes tivessem idades distintas para ampliar a discussão teórica, possibilitando relacionar algumas características sociais do período histórico que vivenciaram. Portanto, foram selecionadas mulheres que estivessem cronologicamente em diferentes fases do desenvolvimento, entre as fases adulta jovem e idosa, conforme denominação de Eizirick (2001).

O roteiro foi constituído por um espaço de informações de identificação, como grau de escolaridade, composição familiar, religião, renda mensal, etc. Em seguida, havia o bloco de perguntas relacionadas ao eixo: *Feminista, eu? Percepções e estereótipos do feminismo e das feministas*. Neste, as perguntas eram referentes ao que conheciam sobre o movimento feminista e suas considerações acerca disso.

Posteriormente, viria o eixo denominado: *O feminismo nosso de cada dia: a vivência das conquistas do movimento no cotidiano*, onde foram realizadas perguntas referentes à vivência das mulheres quanto ao relacionamento com os homens, trabalho, sexualidade, maternidade, etc. Por conseguinte, abordaram-se questões sobre os estereótipos de gênero na infância das entrevistadas, no eixo *Crescer Menina*. Posteriormente, as perguntas pertencentes ao eixo da transgeracionalidade, das quais se trata este artigo. E por fim, o eixo que abordava especificamente a percepção das entrevistadas com relação aos homens de sua família. Em Apêndice A, encontra-se uma versão reduzida do roteiro de entrevista utilizado, limitando-se às questões referentes à transgeracionalidade. Algumas das perguntas foram direcionadas apenas à determinada participante, conforme sua faixa etária, pois referiam-se à existência de netos.

As informações da pesquisa e os procedimentos éticos foram contratados por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil e aprovado após ajustes. As entrevistas foram gravadas mediante a autorização das entrevistadas e posteriormente o material de áudio foi transcrito integralmente, sendo apresentado em seguida às participantes com a possibilidade de que alterassem as informações. Concluída esta etapa, desenvolveu-se a análise das informações utilizando o diálogo com a literatura referente ao feminismo e à Psicologia Sistêmica.

Breve caracterização das entrevistadas

A primeira entrevistada foi Ana², de 22 anos, estudante de ensino superior. Reside com o marido e a filha e a renda familiar é de três salários mínimos em

² Este e todos os demais nomes próprios de entrevistadas mencionados no artigo são fictícios.

média. A entrevista foi realizada em seu domicílio e o roteiro foi eficaz para mobilizar falas bastante pertinentes ao tema da pesquisa. Relaciona o feminismo a alguns temas de seu cotidiano como mercado de trabalho, sexualidade e educação da filha.

Posteriormente, entrevistou-se Louisie, psicóloga, solteira, 36 anos. Reside com os pais e tem uma renda pessoal média de dez salários mínimos. Louisie falou muito de sua infância e adolescência, situando os papéis de gênero em sua família e tendo alguns insights interessantes sobre transgeracionalidade no momento da entrevista, que serão apresentados adiante.

Em sequência, foi entrevistada Emília, conselheira tutelar de 44 anos. Reside com o marido e seus quatro filhos. Sua escolaridade é ensino médio completo e a renda familiar é de quatro a seis salários mínimos. Em seu relato conta sobre as dificuldades financeiras que marcaram toda a sua infância e adolescência. Devido a esta condição, sua família sempre incentivou o trabalho remunerado das mulheres e Emília passou a exercê-lo aos quatorze anos. Contudo, expressa a limitação relacionada às profissões consideradas masculinas na época de sua inserção no mercado de trabalho.

Por fim foi entrevistada Júlia, 74 anos, solteira, costureira aposentada. Júlia reside só e após o falecimento de seu noivo na juventude não quis novamente casar-se. Seu cotidiano é permeado de estereótipos de gênero, porém demonstra não se dar conta disso. As falas de Júlia, relacionando feminismo ao cotidiano e à política, foram mais relevantes nos outros eixos da pesquisa, que não fizeram parte da abrangência deste artigo. Deste modo justifica-se a ausência de seus relatos no que se explana por ora.

Transgeracionalidade feminina

A gente foi sair de carro, eu o Rodrigo e a Lara. Aí eu fui dirigir. A Lara falou: 'Não mãe, você tá no lugar errado, o teu lugar é aqui!' Mas eu nunca falei isso, eu dirijo o dia inteiro ... Mas quando tá o pai e a mãe, a mãe deve ir no banco do passageiro e o pai dirigindo. Eu não me lembro de ter falado isso pra ela, não lembro do Rodrigo ter falado isso pra ela [*sic*] (Ana, 22 anos, estudante).

A transgeracionalidade na transmissão dos papéis de gênero se mostrou nas entrevistas por diversas formas. Como já se esperava no início da pesquisa, as entrevistadas pareciam não ter consciência de grande parte do que se podia nomear como transgeracionalidade. Pela complexidade de seu caráter, não haveria como se apresentar sempre com nitidez, sendo possível que tenham se apresentado elementos indicadores deste fenômeno sistêmico durante a en-

trevista sem também que eu o tenha percebido. No entanto, algumas relações interessantes puderam ser verificadas e associadas com o conceito de transgeracionalidade.

A fala que abre esta seção demonstra o quanto os papéis de gênero acabam sendo transmitidos sem que os pais, como no caso relatado, expressem estas regras verbalmente. No caso de Ana, a entrevistada conta que esta fala de sua filha lhe inquietou, que ficou tempo pensando nisso depois e que conversou com o marido sobre o assunto. Silva e Luz (2010) In Saldanha, Muhlen e Strey (2012) apresentam que a construção das identidades de gênero na infância ocorre por meio de diversas aprendizagens advindas de diferentes situações, podendo ser construídas e transmitidas de maneira explícita ou velada.

O mesmo ocorreu com Ana quando a mesma observava que sua mãe dava conta do que supostamente um homem faria no espaço doméstico, em acordo com sua função atribuída de proteção do sexo frágil (Madeira, 1997):

Tudo foi minha mãe que fez. A gente morou uma época numa casa de madeira, tinha umas aranhas gigantes porque o terreno do lado era baldio. Minha mãe sempre se virou, sempre foi ela que pegou e deu vassourada na aranha, matou a aranha [sic] (Ana).

Tendo experienciado estes dois momentos de *insight*, Ana relata que procura não transmitir estes papéis de gênero, mas reconhece que muitas vezes esta transmissão ocorre sem que ela ou o marido percebam:

A gente não põe muito essa coisa de machismo até porque a gente também não tem muito isso, mas algumas coisas vão acontecendo, que nem a percepção dela de que mulher não dirige, mas o simples fato de eu corrigir ela já faz com que ela né, vá quebrando um pouco isso (Ana).

Bozon (2005, In Saldanha, Muhlen & Strey, 2012) afirma que o mais importante na transmissão geracional dos papéis de gênero são as práticas realizadas pelos pais em seu cotidiano e que são observadas pelas crianças, e não a recomendação verbal, a regra dita. Conforme os pais transmitem essas noções muitas vezes recebidas de gerações anteriores, como fala Ana: “Eu não cresci ouvindo isso, mas eu cresci tendo esse exemplo” [sic], é que os filhos vão incorporando as idealizações e representações de gênero.

A família de Ana é predominantemente formada por mulheres, tendo várias tias de quem também obteve exemplos relacionados a gênero. Ana mencionou ter observado que todas as suas tias em algum momento de sua vida se viram sóas, sem um homem que fizesse algumas coisas por elas. Deste modo – conta

– todas aprenderam a ter autonomia em seu cotidiano. Com isto, seu avô incentivou mais ainda que estudasse e fosse independente, ensinamento que Ana atribui ao fato de ele ter assistido o movimento das mulheres para não depender especialmente financeiramente de homens.

Na entrevista de Ana pareceu muito claro o percurso desta transgeracionalidade, pois inicia falando da filha, depois fala do que aprendeu observando sua mãe e suas tias, além de ouvir as instruções do avô, e conclui supondo de onde acredita ter vindo esta valorização da autonomia das mulheres, atribuindo ao fato de suas tias e sua mãe terem precisado aprender desde cedo a se cuidar pois sua avó adoeceu, ficando um tempo sem tomar conta dos filhos diretamente e faleceu:

Acho que pela própria ausência da minha vó efetivamente ali, em pé, lidando, saudável, elas já tiveram que ir andando com as próprias pernas porque o meu vô sempre trabalhou e tal, então elas meio que aprenderam a se virar sozinhas desde cedo por causa disso [sic] (Ana).

Mostra-se assim, a importância que o evento ocorrido com sua avó influenciou o modo como suas filhas cresceram, e conseqüentemente reagiram diante das separações e ausência de homens, o que observou a neta Ana e agora busca transmitir para Lara, sua filha de quatro anos.

Louisie conta que as mulheres de sua família trabalharam fora do ambiente doméstico e que sempre foi muito incentivada e até pressionada para o estudo e o trabalho. Contudo, as mulheres permaneceram com a responsabilidade pelos afazeres domésticos e isto permanece até os dias atuais em sua família:

Não só na minha família nuclear, mas assim as tias sempre: A mulher é a tarefa doméstica. O homem é o provedor.... Ele vai sair trabalhar fora.... As próprias mulheres da minha família acabam dando a ele o direito do descanso, porque ele saiu trabalhar fora. Mas ele saiu trabalhar de manhã e de tarde. Enquanto a mulher acordou antes, trabalhou de manhã, de tarde e de noite [sic] (Louisie)

Sua fala conta de um acúmulo de tarefas que corrobora o pensamento de Saffioti (1987) quando menciona que não importa a função ou a jornada de trabalho das mulheres fora da residência, a manutenção do lar e o cuidado com os filhos permanece sempre ligado à mulher. Madeira (1997) resume o mesmo quando compara que o mundo é considerado a casa do homem enquanto a casa é considerada o mundo da mulher.

A fala incluindo o cuidado com os filhos como responsabilidade feminina, referente ao que as autoras relatam, não deixa de também se fazer presente na família de Louisie:

As outras duas tias que não saíram, ficavam assim: ‘Ai, mas você não pode trabalhar! Você tem filha!... Você vai ter uma empregada? Não pode deixar os filhos assim, solto!’ Então as que não saíram trabalhar, criticavam as que saíram trabalhar. Mas as que saíram trabalhar nunca: ‘Ai, é verdade, tenho que ficar em casa criando meus filhos e tal’. Não. Saíram em busca do dinheiro próprio... E acho que isso foi importante [sic] (Louisie).

Houve também resistência da parte dos homens de sua família: “os homens foram homens mesmo né: Ah, mulher! Onde é que já se viu, mulher não podia tá fazendo isso...” [sic] (Louisie). E novamente, sua figura aparece naturalizada na fala acima “homens foram homens mesmo”.

Do mesmo modo que foi possível estabelecer um percurso da transgeracionalidade na fala de Ana, Louisie em sua fala compara as gerações em busca de rupturas:

Pensando nas filhas da minha avó paterna, minhas tias, seguiram a mesma linha de comportamento da mãe delas né... As filhas da minha avó materna também. Acho que a única coisa assim que fugiu um pouquinho a regra foi o fato de que algumas saíram trabalhar fora. Mas a questão homem, por exemplo, é um [só].... A característica das minhas avós pra minha mãe e tias acho que muita coisa permaneceu. Mas agora pra terceira geração, eu e minhas primas, já mudou muita coisa [sic] (Louisie).

No entanto, Louisie encontra permanências de algumas regras por parte de sua mãe, e explicita o conceito de valores (Cervený & Berthoud, 1997, In Falcke & Wagner, 2005) que se mostra quando alguma prima se divorcia ou quando engravida antes do casamento:

Tem umas regrinhas sim.... Então não que a gente tenha ouvido isso como... De uma maneira preventiva assim sabe... Não teve isso. Mas depois que aconteceu fica assim meio que no ar um certo desconforto e um certo preconceito... Tem uns olhares meio assim sabe. Então não é declarado, mas a gente sente que simbolicamente assim alguns aspectos meio que... [sic] (Louisie).

E o modo como estes valores estão introjetados sem que Louisie a perceba, se demonstra na seguinte fala:

Eles deixaram eu fazer tudo, mas sempre deixaram claro: Faça o que você quiser, mas se você sair da linha vai ter uma consequência. Que até hoje não sei qual que seria né. Porque não cheguei a sair. [risos] Não sei o

que eles queriam dizer também com sair da linha... Mesmo sem saber o que era essa consequência eu fiquei assim: Opa! Ai eu não vou pisar porque eu não sei o que vai acontecer *[sic]* (Louisie).

Em relação à sua educação em casa, que Louisie denomina como livre, não demonstra conscientizar-se dos valores que foram transmitidos sem serem ditos verbalmente. Entretanto, o mesmo não ocorre com a transgeracionalidade relacionada aos homens escolhidos pelas mulheres de sua família. A entrevistada tem um *insight* em meio à sua fala, conscientizando-se que considera que todos os homens traem e que isto vem de um mito de sua família:

Se parecem muito na questão de ser ogro (sic), de ser grosso, rígido... Eu vejo que tem um padrão ali de escolhas afetivas que as mulheres fizeram. Não teve traição por parte das mulheres da minha família. Mas por parte dos homens todos... [risos]. Será que.... Eu penso assim que 99% dos homens traem. Será que isso é um pré-julgamento meu por ter vindo de uma família assim? *[sic]* (Louisie).

Vimos que o mito, oposto ao pensamento lógico e racional, serve para escurecer ou negar alguma realidade penosa e complexa, cuja aceitação por parte da família seria muito dolorosa. Baseado em um conjunto de crenças em torno de supostas qualidades do grupo, estabelece regras que guiam o tipo de relações que se espera que os membros estabeleçam no mundo exterior. Deste modo, os mitos se estabelecem como verdades no decorrer do tempo, possuindo um poder muito grande sobre seus membros. A infidelidade é um fenômeno favorecedor do desenvolvimento de mitos (Gonzáles, 1994, In Falcke & Wagner, 2005; Pittman, 1994, In Falcke & Wagner, 2005; Falcke & Wagner, 2005)

Emília (44 anos, conselheira tutelar) conta sobre as instruções que fornece à sua sobrinha que por ser mulher causa preocupação maior na família, trazendo resquícios do que fala Diehl (2000) com relação à gravidez como perda de valor no mercado. No entanto, teme que a sobrinha não a ouça e neste momento também faz uma colocação na qual a transgeracionalidade aparece com espantosa clareza, ainda que a entrevistada não aparente estar consciente disso, com base na temporalidade que insere em uma das frases:

Se ela me escuta eu não sei, porque os jovens de hoje não escutam o que a gente fala. Eles tentam ir fazer pra ver se dá certo, daí se deu certo eles vem dizer.... Eu sempre fazia aquilo que eu achava que tinha que fazer. E não adiantava ninguém me dizer. Eu ia lá e fazia pra ver se dava certo, se não dava, tomava na cabeça *[sic]* (Emília).

Com relação a este olhar para as gerações anteriores e para a atual, Emília também não vê avanços no sentido de diminuição da submissão entre a geração de suas avós e sua mãe:

Minha avó era submissa a meu vô, a última palavra era a do meu vô. E se falasse alguma coisa gritava... Minha mãe... foi submissa ao meu pai, não foi trabalhar porque ele não deixou... Ele manda, ela faz... E eu não, eu sou totalmente diferente tanto da minha vó como da minha mãe.... Eu não sou submissa ao meu marido, não que eu não respeite o meu marido, que eu não ajude ele, mas assim, ele não vai gritar comigo, não vai mandar em mim. Elas eram submissas igual. Não que a minha mãe não fosse livre, mas... A gente vê. Não deixava trabalhar? Não foi... [sic] (Emília).

As falas das entrevistadas com as devidas conexões teóricas mostraram o quanto há regras e ensinamentos que estão além do verbalizado, e que constituem a transgeracionalidade. Não somente repetindo, mas também transformando as vivências a partir dos padrões conhecidos, as pessoas atuam em meio ao contexto onde o tempo não representa necessariamente, ruptura. O insight que Ana tem com a fala da filha, e o que Louisie teve durante a entrevista, mostram o quão relevante é o pensar com mais questionamento as questões de gênero. Estes momentos de choque de realidade, de desnaturalização repentina, são o que se espera suscitar com esta pesquisa, para que as pessoas possam questionar, identificar e questionar novamente, não somente o que é visto como natural em termos de sexo biológico, como também com relação a valores internalizados que se referem a gênero.

Considerações finais

Antes de definir o tema desta pesquisa, parecia pouco clara a união das questões de interesse, gênero e psicologia sistêmica. Somente com o início do seu desenvolvimento foi se delineando o que por fim se tornou de fato um único tema, a transmissão geracional dos estereótipos de gênero, sob influência das conquistas do feminismo. Gradualmente foi se percebendo o caráter cotidiano do feminismo e a sua relação com a transmissão dos papéis de gênero foi se assentando.

Tendo ciência da intensa e invariável subjetividade dos dois eixos do que então havia se tornado um tema, temeu-se que não fosse possível identificar pontos de transgeracionalidade com uma única entrevista. Mas por outro lado, considerou-se que a força exercida por este fenômeno dificilmente permanece-

ria despercebida. Devolvendo os temores ao âmbito pessoal, começou-se a ver mais clareza na pesquisa e após desenvolvimento de boa parte da fundamentação teórica – sempre realizando esta costura gênero e transgeracionalidade com base em fontes distintas – começou-se a encontrar diversas referências que buscavam estabelecer a mesma relação. Entretanto, estas se limitavam a falar da transmissão dos papéis de gênero na infância.

Com a realização das entrevistas, foi admirável como os relatos eram tão únicos e ao mesmo tempo tão similares ao que dizia a teoria. O modo de as mesmas contarem suas experiências com a naturalidade de quem não percebia o conteúdo valioso que entregava, aperfeiçoava as conexões entre todos os pontos da pesquisa, de modo que no momento da análise, uma das maiores dificuldades encontradas foi classificar as falas das entrevistadas e inseri-las em um único bloco, quando falavam de vários. Supostamente esta dificuldade se refira ao exercício de uma visão sistêmica que foi ocorrendo durante a realização de toda a pesquisa, que resultou em uma percepção de blocos confluindo e não se organizando de maneira positivista.

As relações de gênero, temática tão universal, ainda parece vista como de interesse exclusivo de poucas mulheres. Espera-se que o trabalho aqui sintetizado, que nunca se encerra, se desdobre em novas pesquisas e suscite nas pessoas a mesma inquietação diante de novos insights. O estudo das relações de gênero necessita ser um mergulho constante, se não quisermos ser levados pela correnteza, pelo movimento *considerado* natural.

Referências

- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Ltda.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Castilho, T. (2005). *Família e relacionamento de gerações*. Retirado em: 06/06/2013, do endereço eletrônico: <www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/94.rtf>
- Eizirick, C. L., Kapczinski, F. & Bassols, A. M. S. (Orgs.). (2001) *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade definição de conceitos. In D. Falcke & A. Wagner (2005). *Como se perpetua a família? Transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Fleck, A. C., Falcke, D. & Hackner, I. T. (2005). Crescendo menino ou menina: a transmissão papéis de gênero na família. In D. Falcke & A. Wagner. (2005). *Como se perpetua a família? Transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Madeira, F. R. (Org.) (1997). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Perrot, M. (2008). *Minha história das mulheres* (1ª. ed.). São Paulo: Contexto.
- Polce-Lynch, M. (2003). *Conversando com meninos*. São Paulo: M.Books.
- Saffioti, H. I. B. (1987). *O Poder do macho* (11ª. ed.). São Paulo: Moderna.
- Saldanha, M., Muhlen, B. K. & Strey, M. (2012). O homem maternante: mudanças à vista? In M. N. Strey, A. Botton, E. Cadoná & Y. A. Palma (Orgs.). (2012). *Gênero e ciclos vitais: Desafios, problematizações e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Stelmachuk, M. S. L. (2012). *Mulheres do século XX: Memórias e significados de sua inserção no mercado formal de trabalho*. Tese de doutorado não publicada. Doutorado em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Endereço para correspondência:

poliana-g@hotmail.com

Enviado em 06/01/2016

1ª. Revisão em 08/01/2016

Aceito em 04/04/2016

Apêndice A

Roteiro de Entrevista – Adaptado

- Como foi a participação das mulheres de sua família no movimento feminista?
- Como as mudanças conquistadas pelo feminismo foram recebidas por sua família – homens e mulheres?
- Como você percebe o cotidiano de suas filhas e netas (ou gerações correspondentes) em relação ao seu cotidiano na idade das mesmas? (pergunta exclusiva à entrevistada idosa)
- Como você acredita que era o cotidiano das mulheres da geração de sua mãe quando esta tinha a sua idade? E da geração de sua avó?
- O que você acredita que seja a maior divergência em relação ao cotidiano das três gerações?
- Você percebe a permanência de alguma característica ou modo de agir ao longo das gerações, nas mulheres de sua família?
- Você identifica a existência de instruções em relação a *ser mulher* pelas gerações de sua família?
- Existe em sua família a prática de algum encontro regular entre estas gerações?
- Você identifica um modelo de relacionamento íntimo que se repete entre as mulheres de sua família?
- Você percebe semelhanças entre os parceiros das mulheres de sua família?
- Como você vê o relacionamento entre homens e mulheres em sua família?